

**Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007**

O espaço dos mortos na cidade dos vivos

André Luiz Rosa Ribeiro*

O presente trabalho insere-se nesse campo de investigação, explorando as intervenções urbanas postas em prática em São Jorge dos Ilhéus, nas décadas finais do século XIX e primeira metade do século XX, relacionando-as com características mais gerais do processo histórico por que estava passando a região cacauera do sul baiano, no período. Trata-se da fase de consolidação da economia do cacau e de definição da identidade regional. Buscou-se estudar a relação existente entre a memória, entendida como um fenômeno construído coletivamente, e o sentimento de identidade.

A região cacauera teve a sua identidade cultural constituída mediante a formação de uma memória coletiva que remete às suas origens como área de fronteira agrícola, aberta na mata atlântica do sul baiano, por elementos das mais diversas procedências agrupados em núcleos familiares e políticos. Essa memória, que desempenhou um importante papel nas lutas entre grupos pela hegemonia local, desenvolveu-se a partir das representações produzidas como meio de legitimação do poder social e político, presentes nas narrativas memorialistas, na literatura e na arquitetura urbana e cemiterial, foco desse estudo.

O estudo das representações permite apreender a homogeneidade e continuidade das idéias formadas ao longo das gerações e também os momentos de ruptura. Permite identificar o que se quis que fosse preservado e o que foi relegado ao silêncio. A constituição da memória impõe operações de segregação, a sua manutenção, exige a exclusão daquilo que possa contradizer ou contestar a imagem que está sendo formada. Assim, a estruturação da memória coletiva está associada ao contexto social, em particular às lutas políticas. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das principais preocupações dos grupos e indivíduos que dominam sociedades históricas.

A manipulação do imaginário é especialmente importante num contexto de mudança social, como o que viveu a sociedade ilheense a partir das últimas décadas do século XIX. Nele, diferentes grupos de uma elite agrária disputavam a hegemonia na região. O

* Faculdade Santo Agostinho – FACSA.

embate incluiu a expressão simbólica da representatividade social e política na feição urbana e na arquitetura cemiterial. Os novos ricos do cacau, em busca de um reconhecimento social condizente com a sua condição econômica, buscaram construir a imagem de uma Ilhéus moderna e progressista, construídas pelos homens feitos por si. Com isso, estavam consolidando a idéia de que as plantações de cacau tinham sido abertas unicamente pelo esforço de pequenos proprietários e suas famílias, que depois se tornaram prósperos cacauicultores. Esta visão silencia sobre a lavoura cacauqueira no período anterior à década de 1890 e sobre o papel desempenhado pelos fazendeiros e comerciantes pertencentes à elite tradicional, que investiram no desenvolvimento do espaço regional, além de desconsiderar o uso inicial da mão-de-obra escrava.

A arquitetura cemiterial pesquisada é a do cemitério oitocentista de Nossa Senhora da Vitória, o maior e mais antigo cemitério a céu aberto do sul da Bahia, que abriga sepulturas e jazigos que se destacam não somente pela quantidade mas também por sua qualidade artística. O cemitério municipal da Vitória, resultado de uma política administrativa e urbana orientada para o embelezamento do espaço e uso racional do solo, expressa os confrontos e alianças entre grupos no contexto estudado.

O estudo tem como pano de fundo um quadro do sistema social no qual a produção artística e arquitetônica serviu como um elemento, entre outros, na luta pelo poder simbólico e material. Buscou-se abordar as relações sociais, econômicas e políticas estabelecidas no contexto de formação da região cacauqueira, focalizando os mecanismos baseados nas relações familiares e nas práticas de construção de memória, utilizados na afirmação do poder de determinados grupos.

Os documentos pesquisados para compor esse quadro fazem parte dos acervos do Arquivo Público do Estado da Bahia, Arquivo do Fórum Epaminondas Berbert de Castro, Arquivo da Diocese de Ilhéus, Arquivo Municipal de Ilhéus, Arquivo do Centro de Documentação e Memória Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz e em arquivos particulares. Foram consultados os acervos das Bibliotecas Municipais de Ilhéus e Itabuna, Bibliotecas dos Mestrados em História e em Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, Biblioteca do Centro de Documentação e Memória Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz e da biblioteca particular do escritor Raimundo Pacheco Sá Barretto, o que

possibilitou a leitura da maior parte da vasta produção de obras de memorialistas e de estudos científicos sobre a região cacauzeira da Bahia.

De muitas formas, o processo de investigado se expressa nas reformas urbanas levadas a efeito em Ilhéus. As mudanças radicais implementadas na cidade visavam construir uma Ilhéus ideal, a “Capital do cacau”. Em poucas décadas a pequena vila litorânea, de feições coloniais onde predominava o barroco, é transformada em uma das mais modernas cidades do nordeste brasileiro, símbolo do progresso e da civilidade. Esse processo esteve associado à construção de mitos fundantes da região cacauzeira do sul baiano. Analisar o papel simbólico da arquitetura e a maneira pela qual se difundiu em determinado contexto histórico é uma forma privilegiada de compreender as mudanças e contradições no corpo social. A documentação aqui inclui fotografias da cidade de Ilhéus no período de estudo, leis municipais e códigos de posturas elaborados pelas administrações locais, e artigos de jornal sobre as intervenções urbanas.

Uma das principais intervenções teve por objetivo a transformação do espaço cemiterial ilheense. Desse processo resultou uma paisagem na qual foi se impondo como um novo além: a memória dos indivíduos e dos grupos. Os cemitérios são um importante domínio para a observação e análise, a partir da cultura material, de fenômenos da dinâmica social. As sepulturas, e o aparato que as acompanha (estátuas, símbolos, material e epitáfios), constituem uma documentação ímpar para a investigação histórica. A pompa e a singeleza traduzem as desigualdades e fornecem um mapa social do espaço da morte, de acordo com o tipo de sepultura (perpétua ou comum, vertical ou horizontal), a qualidade e diversidade do material empregado, o seu tamanho e localização espacial (zonas privilegiadas ou periféricas), a qualidade e diversidade do material empregado. Também a forma dos funerais, o luto, os epitáfios e necrológios remetem a características da sociedade estudada.

As fontes iconográficas presentes nos cemitérios, além da sua qualidade estética, se apresentam como signos a serem decifrados, permitem olhar o passado sob um novo prisma. Analisadas como índices de época, criados para representar a percepção de mundo dos seus construtores, são fontes importantes para o estudo das sociedades, oferecendo significativas informações sobre o seu cotidiano e imaginário coletivo. Formas e estilos na arquitetura e na escultura respondem a circunstâncias sociais. Por esta razão, é adequado

procurar, nesses tipos de artefato, elementos que iluminem nossa percepção da sociedade que os produziu.

A análise do cemitério de Nossa Senhora da Vitória foi iniciada com o reconhecimento topográfico do terreno e do seu traçado. Em seguida procedeu-se à quantificação e catalogação das sepulturas construídas no período delimitado pela pesquisa, tendo sido analisados um total de 355 jazigos perpétuos. A dimensão dos túmulos foi analisada por área ocupada em metros quadrados, com base em padrões estabelecidos pelo Código de Posturas Municipal: Padrão Pequeno (PP), túmulos com área menor a 2 metros quadrados; Padrão Médio (PM), túmulos com área entre 2 e 4 metros quadrados; Padrão Grande (PG), túmulos com área entre 4 e 6 metros quadrados; e Padrão Superior (PS), túmulos com área superior aos 6 metros quadrados estipulados como limite ao espaço ocupado. A princípio, considerou-se que a dimensão seria melhor expressa pelo volume. Entretanto, por este de muito mais difícil cálculo devido à diversidade de formas das sepulturas, e após constatar que os maiores túmulos em volume eram também os maiores em área ocupada, decidiu-se adotar esta última como critério de tamanho.

A datação dos túmulos foi dividida em três períodos: o primeiro, entre os anos de 1880 a 1900, fase dos túmulos datados mais antigos e início da consolidação econômica do cacau como principal produto da pauta de exportação da Bahia; o segundo, entre 1910 e 1930, fase da ascensão social da nova burguesia baiana ao poder político local; e o terceiro, entre 1940 e 1950, fase final do fenômeno do coronelismo regional e ampliação da presença de novas camadas sociais nas construções tumulárias.

Ao final do século XIX, Ilhéus experimentava a expansão da lavoura do cacau, que tornava o sul baiano a principal região econômica do estado. A camada social dominante dividiu-se entre fazendeiros tradicionais e novos ricos, agrupados em núcleos políticos de cunho familiar, estes últimos em busca de representatividade e reconhecimento por parte da sociedade local, que correspondesse a sua situação econômica.

Em seus discursos, os diferentes grupos da elite cacauera acabaram por difundir, cada um, a sua visão de mundo. Isto não seria feito apenas por meio do discurso escrito, inacessível para a maioria da população, possuidora de baixos níveis de educação formal. Os sinais mais universais como as imagens e os símbolos foram fartamente utilizados, havendo

mesmo um grande investimento de capitais, pois a disputa no terreno do simbólico e alegórico é parte integrante da luta política buscando influenciar no imaginário popular.

A manipulação do imaginário social foi particularmente importante em um período de profundas mudanças sociais, como as ocorridas na sociedade ilheense nas primeiras décadas do século XX, contexto da ascensão da lavoura cacaueteira à condição de principal produto de exportação da Bahia. Esse fenômeno foi levado a efeito principalmente pelo grupo dos novos ricos do cacau, em sua tentativa de manipular os sentimentos coletivos com o objetivo de criar um novo conjunto de valores sociais, urbanísticos e políticos e, em decorrência disso, uma nova sociedade liderada pelos homens feitos por si.

Com base no mito do progresso, foi dada uma nova feição urbana à cidade de São Jorge dos Ilhéus, tornada símbolo das mudanças sociais trazidas pela consolidação econômica da lavoura cacaueteira. Os mentores das reformas projetaram a eliminação de todos os elementos do passado que não se adequassem ao ideário progressista, demonstrando um total desprezo pelos elementos do passado que não contribuísem para a edificação da cidade ideal, a “Capital do cacau” e “princesa do sul”. Os mais abastados membros da burguesia regional dedicaram-se com afinco a deixar sua marca em monumentos urbanos, prédios e túmulos, que constituem verdadeiros discursos. Sua construção obedeceu não só a idéias políticas, mas também a concepções estéticas segundo as quais a arte deve ser a idealização da realidade.

O que está em jogo na memória é o sentido da identidade individual e coletiva. A memória serve para manter a coesão dos grupos que compõem uma sociedade, para definir sua complementaridade, mas também estabelecer as oposições em relação uns aos outros. O fenômeno de secularização dos cemitérios criou condições de possibilidade para que também o culto dos mortos fizesse parte do processo de constituição de identidades e distinção dos indivíduos, famílias e grupos sociais e políticos. As diferenças estabelecidas entre a monumentalidade dos jazigos perpétuos e as sepulturas comuns eram análogas à distância entre os palacetes construídos pelos grandes fazendeiros e comerciantes e as casas populares dos bairros periféricos. Nas elites econômicas, o empenho na demonstração de status se verificava sobretudo entre os recém enriquecidos.

Uma análise dos ritos fúnebres em geral revela mais nuances de como as camadas mais favorecidas da população ilheense podiam utilizar o momento da morte para expressar os seus valores. Os cortejos, o luto, os rituais de sepultamento, anúncios e necrológios

também constituíram formas de perpetuar a memória individual ou familiar e auxiliavam a construir uma imagem ideal da existência do morto, da prosperidade regional e seus agentes.

As elites cacaeiras acabaram por transferir para o cemitério as hierarquias sociais nas quais eram dominantes. Passou a ser cada vez mais importante para o indivíduo e sua família possuir uma concessão perpétua, considerada como uma propriedade inalienável e transmissível aos descendentes, um verdadeiro marco do prestígio social e das afetividades familiares. Os túmulos erguidos no cemitério da Vitória, símbolo da riqueza material da cidade e da própria região produtora de cacau, constituem, desta forma, documentos da trajetória econômica e social da região.

Abordar um tema difícil e instigante como a produção arquitetônica e iconográfica, e sua relação com a memória e a identidade de uma cidade, é um grande desafio. Muito ficou para ser feito. Esta é, pois, uma primeira tentativa de compreender o lugar dos mortos na construção da memória e de hierarquias sociais na cidade dos vivos.